

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura

Anno	Semest.	Trim.	N.º
36 n.º	18 n.º	9 n.º	4 entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	\$950
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—

17.º Anno — XVII Volume — N.º 545

11 DE FEVEREIRO DE 1894

Redacção — Atelier de Gravura Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.



CHRONICA OCCIDENTAL

Passou o entrudo e passou com uns dias dos mais formosos que, de nossa lembrança o carnaval lisboeta tem apanhado!

Nem encomendados, pelos grandes fanaticos das festas carnavalescas, esses dias poderiam ser melhores.

Ceu d'um azul purissimo, sem a mais pequenina nuvem a quebrar-lhe a doce monotonia do seu tom uniforme; um sol brilhante de verão mas temperado já como um sol de primavera: uma brisa que parecia fabricada de proposito para uso e regalo d'aquelles que tinham que andar todo o dia pelas ruas a atirar cocottes e toda a noite pelos bailes a passear com ellas; em summa, uns d'esses dias extraordinarios, que mesmo em Nice marcam excepção e que cá para nós são a sopa, cosido e arroz do nosso abençoado clima, uns d'esses dias radiantes, que fazem os estrangeiros redigir extensas propostas de premios e subsídios para lhes deixarem estabelecer roletas e casinos ali pelas nossas praias.

Pois apesar de toda essa belleza de scenario, d'essa brisa tão amigavel, d'esse sol tão risonho e d'esse ceu tão decorativo, o carnaval d'este anno não foi mais divertido, mais animado, mais alegre que os dos annos anteriores; ficou mesmo muito atraz de carna-

val do anno passado, apesar d'esse carnaval ter tido a chuva a metter-se na festa sem ser chamada e a deitar alguns borrifos na fervura do enthusiasmo com que no Chiado se brincava o entrudo!

Em compensação, se o carnaval d'este anno não teve mais animação, não teve mais mascaradas, teve mais victimas: das batalhas dos tremoços e das cocottes, houve muitos feridos, e as inflammções d'olhos, as opthalmias, foram a moeda cor-

rente n'esses dias de festa, em que parecia que um dos mais alegres divertimentos, a que os que brincavam o entrudo visavam, era vasar os olhos das pessoas das suas relações.

E como se tivessem medo que a cocotte atirada com gana não fosse bastante para escangalhar a cara do proximo,—medo perfeitamente injustificado, porque, carregadas d'areia, como são, as cocottes tem todas as condições para cegar uma pes-

soa ou pol a a escorrer em sangue —os entusiastas do carnaval recorrem ao antigo, tradicional e despresado ovo de gemma, e as paredes d'alguns dos predios do Chiado, apparecendo, depois da batalha, constelladas de manchas amarellas como travesasas d'omollette pouco passada, fizeram nos lembrar da nossa infancia, dos carnavaes d'aqui ha 30 annos, d'esses carnavaes em que o Chiado parecia uma enorme gemmada e em que se arruinavam em ovos o Mongini, a Rey Balla, a Ida Benz, que se morriam por essas folias carnavalescas.

O ovo, de ha muito tempo bandido dos nossos entrudos, desethronado pela bisnaga, tentou este anno, no Chiado uma restauração-sinha á capucha, iamos dizer uma restauração-sinha barata, mas não dizemos, porque no fim de contas, segundo referem as gazetas, essa restauração não foi tão barata como isso, custou cousa dos seus sessenta mil réis.

Mas ninguem as faz que as não pague: filho és, pae serás, e não ha nada mais verdadeiro de que o celebre e axiomático—*ceci tue-ra cela!*

O ovo de gemma matou a laranja de greda: foi morto a seu tur-



MARIA JUDICE DA COSTA

(Cópia de uma photographia)

no pela bisnaga e agora pode fazer o que quizer que já não é elle que cá volta.

A *bisnaga*, obedecendo a essa lei fatal, já no anno passado começou a ser assassinada pela *cocotte* e este anno quasi que desapareceu do mercado: a propria *cocotte* parece que se aguentará pouco no poder: principiou no anno passado mas apesar d'isso está já muito desacreditada e ahi pelas varandas das janellas e pelas grades dos camarotes, appareceu já este anno em grande quantidade o divertimento novo que parece destinado a dar-lhe cabo da pelle e que se chama—serpentina.

A serpentina é muito vistosa mas muito semsabor tambem, e depois tem um grande contra para os entrudos lisboetas:—não fazer mal a ninguém, e isso é o diabo!

* * *

Este anno o entrudo nas ruas foi muito semsaborão em quanto a mascaradas; só duas ou tres dignas de menção, a *caçada* do Cymnasio Club e a da expedição a *Melila* e um carro bonito do sr. dr. Barral, com mascaradas reproduzindo physionomias muito conhecidas na platéa de S. Carlos.

Mascaras a pé pouquissimas e nenhuma boa; danças d'entrudo tambem muito poucas, e á noite nos bailes a mesma falta de mascaradas já tradicional nos nossos carnavaes. Emquanto a brincados o Chiado foi como de costume o ponto de reunião, o campo da batalha, mas animação inferior á dos outros annos; muito menor numero de trens no *corso* carnavalesco, pois a fila de carruagens não era permanente como nos outros annos, tinha as suas interrupções.

Os theatros tiveram gente todas as tres noites de carnaval e os bailes de mascaradas foram corridos, sendo o mais concorrido de todos elles, como de costume, os do theatro de D. Maria.

No theatro de S. Carlos huve só um baile, na terça feira, mas foi dos melhores e mais concorridos de Lisboa e a sala ornamentada por Boddallo Pinheiro e Manini estava elegantissima e fazia esplendido effeito. E aqui tem o que foi nas ruas e nos theatros o carnaval de 1894.

* * *

Obedecendo ao seu plano de manter sempre enchentes no theatro de S. Carlos, dando continuamente novidades ao publico, o sr. Freitas Brito annuncia para hoje, 10, a estreia d'um tenor francez que agradou muito no Theatro Real de Madrid onde vem agora, o sr. Duc.

O sr. Duc é um tenor de grande pujança de voz, segundo nos dizem e o que se demonstra pela escolha da opera para seu debute — a *Hebrea*.

O tenor Duc estreia-se no dia 10 e já para o dia 15 se annuncia a estreia de Maurel, o celebre barytono que occupa hoje no mundo lyrico lugar proeminente e que Verdi escolheu d'entre todos para crear o Yago do seu *Othello* e o seu *Falstaff*. Maurel não é só um grande cantor, é um grande artista em toda a extensão da palavra e a sua vinda a Lisboa constitue um verdadeiro acontecimento artistico.

Ainda não se sabe a opera em que Maurel se estreitará. Fallava-se no *Hamlet*, mas parece que não poderá ser por falta d'Ophelia, visto a prima dona Darclée se retirar no principio da semana; fallou-se tambem no *Othello* mas falta o *Othello* visto o tenor Marsiaker ter-se ido já embora.

Alem da sua opera de estreia Maurel cantará em Lisboa o *Fausto* e o *Falstaff* e partirá logo para Paris onde vae crear na *Opera Comique* esta ultima opera, que ali está em ensaios e a cuja primeira representação vae assistir o maestro Verdi.

E depois do Maurel ainda ha mais novidades: ainda ha a *Valkyria* de Wagner que sera a ultima opera da estação lyrica; estação que ficará assignalada pela vinda do Maurel a Lisboa e pela exhibição de tres operas novas, *Falstaff*, *Valkyria*, *Manon Lescaut*, a opera de Paccini, que se deu ha noites, a que ainda não assistimos e da qual daremos proximo conta aos nossos leitores.

* * *

Uma noticia triste ao fechar a chronica:—a do fallecimento d'um dedicado e illustre collaborador do OCCIDENTE, d'um homem de grande valor intellectual, de subida illustração e de inquebrantavel actividade—o sr. Antonio Lopes Mendes.

Foi no dia 31 do mez findo que Lopes Mendes

morreu repentinamente, na occasião em que se sentava á mesa para jantar.

Forte, robusto, com uma grande apparencia de saude Lopes Mendes tinha ha muitos annos uma dilatação da *aorta* que d'um momento para outro o havia de matar.

Transmontano, natural de Villa Real, passou a mocidade a estudar, e depois de feito o seu curso de veterinario, em vez de seguir a profissão, dedicou-se a outra ordem de trabalhos e partiu para a India, onde passou grande parte da sua vida, exercendo commissões officiaes e escrevendo o notavel livro *A India Portuguesa*.

Em 1882 fez uma grande viagem ao Brazil, explorando o Amazonas, e colligindo apontamentos para a sua obra — *America Austral*, que se estava agora publicando nos Boletins da Sociedade de Geographia.

Lopes Mendes escreveu tambem um livro muito interessante sobre o *Bussaco* livro illustrado com desenhos seus, pois o fallecido escriptor era tambem um desenhador distincto, como o provam varios desenhos seus publicados no nosso jornal, por exemplo a vista da Bahia do Rio de Janeiro, que demos no nosso primeiro numero do corrente anno e o panorama da cidade do Desterro, séde do governo provisório, que publicamos no nosso numero d'hoje.

Como escriptor tambem o sr. Lopes Mendes honrou por varias vezes as paginas do OCCIDENTE e em 1883 publicamos uma serie de cartas suas, dirigidas ao seu amigo o sr. dr. Silva Mattos, publicação que acompanhámos com o retrato do distincto escriptor¹ cuja perda deploramos tristemente.

Gervasio Lobato.

ARTISTAS PORTUGUEZES NO BRAZIL

A JUDICE

Foi na ultima temporada lyrica, no Rio de Janeiro, que eu a conheci. Entre os artistas de mais nome da *Companhia Ferrari*, vinha o nome de Judice da Costa, mas não no lugar que lhe competia; notei isso.

Eva Tetrzzini, que vinha em primeiro lugar, não foi tão fallada como a Judice.

O apparecimento d'uma *contralto* portugueza n'uma companhia italiana, não me causou estranheza, mas fez-me curioso. — É que na Italia ha *contraltos* aos centos, e é raro ver n'uma companhia italiana, artistas que não sejam italianos; por conseguinte aquella artista, em que já ouvira falar vagamente, devia recommendar-se por alguma circunstança — evidentemente, naturalmente, pelo seu talento.

No dia em que os jornaes annunciaram a *Favorita*, não faltei: — dizia-se que era uma das suas melhores corôas.

Quando entrei na sala do theatro estava a Judice acabando de cantar o *duetto* do final do primeiro acto — *Oh! mio Fernando!*

Tive de quedár-me um instante no meio da sala. Subitamente os olhos arrasam-se-me de lagrimas, os cabellos eriçaram-se-me com calefrios. Ficára dominado pela comação mais intensa ao ver que toda a plateia instinctivamente se levantava, como que obedecendo a uma forte corrente electrica, emquanto, dos camarotes, as senhoras agitavam os lenços e atiravam flores, tudo n'uma verdadeira e colossal explosão de enthusiasmo, traduzido em um largo momento de applausos.

O panno cahiu, mas para subir immediatamente, porque toda a plateia, sempre de pé, obrigava a a repetir a scena.

Eu, que chegára tarde á primeira audição, poudo ver quanto era justa aquella consagração estonteante, que ao mesmo tempo coroava uma grande artista e me orgulhava por que ella era, como eu, filha de Portugal.

De tacto, não sei o que mais admirar n'aquelle extraordinario temperamento de mulher; — se a Arte, que dá no seu trabalho um cunho inexcedivel de verdade, se a sua voz volumosa, mas d'um timbre talvez desigualavel, dominando toda a sala, se o seu gesto, sempre vigorosamente expressivo, tudo traduzindo o sentimento do personagem, parecendo que elle está dentro da propria Artista, se ainda o ar verdadeiramente magestático com que se apresenta em scena, ajudada pelo seu physico que a torna ativa, elegante e sympathica, formando tudo um conjuncto arrebatador.

¹ Vide OCCIDENTE n.º 146, 6.º volume, correspondente a 11 de janeiro de 1883.

O panno cahia pela segunda vez, mas Judice era ainda reclamada, d'esta vez para ser coberta de flores, de grande valor, acompanhados de palmas e bravos! n'um delirio que já mais vi egualar.

E no final do quarto acto, quando ella cahia nos braços de Fernando, proximos da Cruz, é que se poudo avaliar a grandeza do seu talento artistico, duplamente evidenciado, posto que esta scena não seja positivamente do feitio da primeira. Em geral ha muitas cantoras, mas ha poucas artistas. — Na Judice, viu-se ao mesmo tempo uma grande cantora, e uma grande artista!

Emquanto assistia aquella noite de gloria para a artista e para a minha patria, pensava se, reunidos os artistas de que dispomos: a Judice, a Paccini, os Andrades, o Nascimento, e tantos outros não podiamos tambem sustentar uma *Companhia lyrica Portuguesa* fazendo-os sobressahir, o tempo que elles andam a ser explorados pelos estrangeiros, exploração que vae até ás glorias dos proprios artistas, pois, como já deixei dicto, a Judice tornou-se mais notavel que a Tetrzzini, que vinha com maior reclame.

Este depoimento que pode ser confirmado pelos que não são portuguezes, mas que fazem justiça á nossa compatriota, que póde ser confirmado pelos seus proprios collegas — a quem ouvi que a *Favorita* nunca teve melhor interprete — servirá para demonstrar que possuímos tão bons artistas como o estrangeiro.

É um depoimento tardio, mas creio que não é ocioso.

Carvalho Neves.

OS ACONTECIMENTOS NO BRAZIL

A CIDADE DO DESTERRO, SEDE DO GOVERNO PROVISORIO

A formosa bahia de Santa Catharina, cercada de montanhas resvestidas de opulentissima vegetação perenne, de alvejantes casas que resaltam no meio das selvas, e da cupula azulada do céu, offerece o admiravel quadro que representa o nosso desenho tirado do natural e do sitio denominado os Coqueiros.

Entre 2.º e 28.º de lat. S. e 51.º O. de long. de Greenwich está a ilha de Santa Catharina, onde demora a bellissima cidade do Desterro, capital da provincia.

Tem 60 kilometros de comprimento desde a ponta da Rapa, ao norte, até á dos Naufragos, ao sul, e 16 kilometros, na maior largura, contados desde a ponta das Frechas á Ponta Grossa.

Primitivamente designada pelos indigenas *Jurimirim*, foi mais tarde appellada dos *Patos*, em razão da grande quantidade de patos que os primeiros exploradores aqui encontraram.

Vicente Anes Pinzon, navegador hespanhol, foi o primeiro europeu que a ella aportou, em 1508.

Nos ultimos dias do anno de 1519, foi a ilha costeada pelo mais proeminente heroe da epopeia maritima, Fernão de Magalhães, portuguez nosso comprovinciano, ao serviço da Hespanha que, depois de um anno de pesquisas e de luctas de toda a ordem, sem nunca poderem abalar o seu animo de bronze, conseguiu encontrar o estreito que tem hoje o seu nome ao sul da America, e a sua expedição realisar a maior de todas as façanhas — dando a volta ao mundo!

Fernão de Magalhães, segundo um testamento por elle feito no bairro de Belem, em Lisboa, em data de 19 de dezembro de 1504, tres mezes antes de embarcar para a India (suppondo-se ter então 25 annos de idade) é, por elle assim o declarar, natural da villa de Sallerosa, comarca de Villa Real, da provincia de Traz-os-Montes.

Este testamento, que vem destazer todas as duvidas a respeito do logar do nascimento do insigne navegador trasmontano, consoante affirma o sr. Fernando de Magalhães Villas Boas (já fallecido), na *Vida e Viagens* de Fernão de Magalhães, publicadas em 1881, estava na posse de Mr. Ferdinand Deniz, o erudito historiador de Portugal e do Brazil, já fallecido.

Outro documento authenticico d'aquella época, affirma igualmente que seu pae era Lopes Rodrigues de Magalhães, gentil-homem da camara, e que sua mãe se chamava Margarida Nunes, ambos possuidores de vinculo conhecido com o nome do Espirito Santo.

Passando a ilha de Santa Catharina ao dominio de Portugal, por duas vezes foi conquistada pelos hespanhoes: uma em 1762, e outra em 1777; até que a paz de Santo Ildefonso, celebrada entre os monarchas portuguez e hespanhol, pôz termo ás pretensões castelhanas n'esta parte do Brazil.

A ilha e o litoral do continente fronteiro, fo-

ram primeiramente dadas a Pedro Lopes de Souza.

Mais tarde, em época posterior ao reinado de D. Afonso VI, fez-se mercê d'estes territorios a Agostinho Barbalho, filho de Luiz Barbalho Bezerra, que prestou relevantes serviços ao Brazil. Depois, ou fosse por haver incorrido em commisso, ou por qualquer outra cousa, o que parece é que, o Marquez de Cascaes, D. Luiz Alvarez de Castro e Souza, herdeiro do primeiro donatario Pedro Lopes de Souza, dispondo-se a vender 50 leguas de costa, das 80 em que consistia o todo da sua doação, resolveu el-rei D. João V que, pelo preço offerecido de 44 mil cruzados, se comprassem, para encorporal-as livremente á corôa; e desde 1711 a ilha e terras adjacentes ficaram pertencendo ao patrimonio commum.

Na barra do norte da ilha existem ainda as fortalezas de Santa Cruz e a de S. José da Ponta Grossa, construidas pelos portuguezes. Aqui foi inaugurado em março de 1883, o pharol do *Arvoredo*, na lat. S. 25° 18' e 5° 12' de long. O. do Rio de Janeiro, ou 48° 27' 20" O. de Green.

Assenta o magnifico pharol na ponta S. E. da ilha: E' de luz fixa, branca, alternada por lampejos brancos e vermelhos de igual intensidade de 2 em 2 minutos; sendo visível á distancia de 23 milhas com tempo claro.

No meio da bahia, a distancia de quasi 6 kllometros da barra septentrional, acham-se as duas ilhotas denominadas *Ratons*, na maior das quaes está uma fortaleza construida em 1740; avistando-se no sitio chamado *Estreito*, o forte de Sant'Anna, de uma só bateria.

A barra do sul, onde se vê um bom pharol, possui entre o Pontal d'Aracatuba e a ponta dos Naufragos, a fortaleza de Nossa Senhora da Conceição, levantada em 1742, n'um ilhote de pedra sendo pela sua situação considerada a fortaleza mais importante da provincia de Santa Catharina, mais importante da provincia de Santa Catharina, com tem 600 kilometros de costa maritima, contados do rio Sahy-Pequeno, ao sul de Guaratuba, e que divide a provincia do Paraná, até ao rio e que divide a provincia do Paraná, até ao rio Mopituba, ao norte das Torres, aonde limita actualmente a provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

A cidade de Nossa Senhora do Desterro, onde os jornaes brasileiros affirmam achar-se estabelecido o governo provisório dos revoltosos, com o posto do capitão de mar e guerra Frederico Guilherme de Lorena, chefe do governo; o capitão-tenente Mourão dos Santos, ministro da marinha, industria e interior; o capitão Annibal Eloy Cardoso, ministro da guerra, fazenda e relações exteriores; tinha ha dez annos, quando ali estive-mos de visita: 2:000 fogos com 10.000 habitantes nacionaes e estrangeiros. Contava então 2 freguesias, 4 igrejas e 2 hospitaes: o da Misericórdia e o militar; uma importante bibliotheca provincial, o monumento erigido em homenagem aos heroes do Paragay; e um club designado 12 de Agosto, aonde havia *partida* ou baile semanal.

Os edificios mais notaveis eram: a alfandega a capitania do porto; a casa da camara e cadeia, construida em 1779; os palacios da presidencia e da assembléa provincial, e o theatro, que é ainda e tem duas ordens de camarotes e uma galeria por cima da segunda ordem.

As ruas espaçosas e calçadas de granito pelo systemo antigo, são orladas de casas particulares, sendo muitas d'ellas modernamente construidas e de graciosa architectura. A *Formosa* é a rua onde se vê maior numero de elegantes construcções rodeadas de bem cuidados jardins.

Possuia, e deve talvez possuir na mais larga escala, attendendo ao progresso sempre crescente no paiz, diversos estabelecimentos de instrucção publica, e typographias onde se publicavam tres jornaes politicos.

Na orla occidental da bahia, fronteira á ilha estancia o continente da provincia, que abrange a área de 74:156 kilometros quadrados.

Limita ao norte, com o Paraná; ao oeste, com Corrientes da federação Argentina; ao sul, com S. Pedro do Rio Grande; e a leste, com o Atlantico.

Dividia-se em 11 municipios, 6 comarcas e 39 parochias. A força publica constava de uma companhia de linha, de infantaria com 100 praças; o corpo de policia com 221; e a guarda nacional, organizada em 1873, com 3 commandos superiores e 14:000 guardas.

A instrucção primaria tinha 107 escolas, e 3 a secundaria. Colocado sobre o littoral entre 26° 4 e 29° 18 de lat. S., conta cerca de 60 leguas de N. a S., e 30 leguas de L. a O., approximadamente.

A sua área, na phrase do distincto brasileiro o sr. Nascentes de Azambuja, abrange 700 leguas quadradas de terras devolutas, 300 occupadas por

150:000 habitantes, concentrados pela maior parte no municipio da capital, e em outros pontos do littoral maritimo e povoados existentes nas margens dos rios; e 100 consideradas duvidosas ou dependentes de verificação. Muito maior territorio devoluto apresentaria — diz o illustre engenheiro acima citado — se já estivessem definitivamente fixados os seus limites com a provincia de Paraná, alargando-se a sua superficie para o lado do Rio Negro e Campos das Palmas.

É sem contestação, das provincias brasileiras a que melhores proporções offerece ao desenvolvimento da colonisação europeia em vasta escala, não só por que n'ella avultam as terras pertencentes ao Estado, fertilissimas e apropriadas ás diversas especies de cultura dos paizes tropicaes e temperados, mas por possuir mattas riquissimas de madeira de lei, possantes minas de carvão de pedra e outras, e o seu clima ser altamente salubre.

A sua principal producção agricola consiste em farinha de mandioca, d'onde autere o maior rendimento. O algodão, café, canna saccharina, a vinha, o trigo, o arroz, tudo emfim vegeta e produz admiravelmente nos feracissimos valles e colinas d'esta provincia.

Divide-se em quatro zonas: Septentrional, Central, Meridional e Occidental, comprehendendo esta ultima a comarca das Lages, e as tres primeiras as do littoral.

A zona ou região central fica comprehendida entre os rios Itajahy-Assú e seus numerosos afluentes ao norte e oeste; e a estrada de S. José a Lages, rio Cubatão, do Cedro e outros ao sul, e o littoral maritimo a leste. É atravessada não só por aquelles rios, mas pelo Itajahy-Merim, que desemboca junto á barra do Itajahy-Assú, pelo rio Tijucas Grande, que desagua na enseada do nome, e pelos rios Biguassú e Merim, cujas aguas fazem barra nos dois braços de mar que separam a terra firme da ilha fronteira onde se acha a cidade de Desterro.

Das diversas enseadas ou bahias, situadas n'esta região, a mais importante, e que offerece melhor abrigo e mais espaços ancoradouro a embarcações de alto bordo, é sem duvida a das Garoupas, tambem conhecida pelo nome de Porto-Bello.

A maior parte da população da provincia achase concentrada na zona central. Foi n'ella que as primeiras colonias se estabeleceram, sendo as mais antigas as de Santa Isabel, S. Pedro d'Alcantara e as denominadas allemãs, hoje confundidas na massa geral da população.

As colonias mais modernas são as de Blumenau, Itajahy e principe D. Pedro, pertencentes ao Estado; e a Therosopolis, fundada tambem por conta do Estado. Estas foram igualmente entregues ao regimen commum, bem como a de Santa Isabel, e a colonia provincial Angelina, confinante com ella.

Foi n'esta provincia que se constituiu o patrimonio dotal de S. A. Imperial a Serenissima Princesa a Senhora D. Isabel e S. A. o Senhor conde d'Eu, na conformidade do decreto n.º 1:904 de 17 de outubro de 1870; assentando na zona Septentrional, proximo do rio Sahy, as terras do patrimonio de SS. AA. os Senhores Principes e Princesa de Joinville.

Santa Catharina conta, além da cidade de Desterro, as cidades de S. José, exportadora de cereaes e madeiras; Laguna, porto maritimo muito frequentado por navios de cabotagem; e Lages, cidade central, abundante em generos agricolas.

Concluindo direi: Se a vista panoramica hoje publicada é simplesmente esplendida, a paizagem que se gosa do alto do Morro do Antão ou Páu da Bandeira, na cumiada da montanha em que assenta a cidade de Desterro, é tudo quanto de mais grandioso e bello se pôde desdobrar aos olhos do espectador!

A. Lopes Mendes.

CORONEL JACINTHO IGNACIO DE BRITO REBELLO

Com o triplo intuito de gratidão a um homem a quem o nosso periodico deve muitos serviços, de consideração pelos seus elevados dotes de intelligencia e coração, e de desagravo a uma inqualificavel injustiça, publicamos hoje o retrato do illustrado coronel Jacintho Ignacio de Brito Rebello.

Desde a creação do nosso periodico até principios de 1887, foi assiduo collaborador e director da nossa folha, que lhe deve muitas paginas de elevado criterio e investigação. Acostumados a considerar Brito Rebello, como uma robusta in-

telligencia, illustrada por variadissimos conhecimentos, mal podiamos imaginar que podesse um dia constituir-se, no nosso paiz, um jury de tão extraordinarios quilates que julgasse Brito Rebello abaixo de... de... de tantos que todos conhecemos.

Logo que obtivemos o seu retrato tratámos de procurar alguns traços biographicos e eis o que obtivemos.

Descendente de uma familia de homens distinctos, tendo sido seu terceiro avô physico-mór da provincia de Angola, seu avô e bisavô, officiaes superiores de engenharia, com serviços no reino e na America, e havendo seu pae fallecido no cerco do Porto, foi educado no collegio militar.

Ali era tido entre os seus collegas por joven de talento, e com muitas tendencias para as letras. Em um pequeno periodico manuscripto, que os alumnos mais antigos do seu tempo redigiam, sahiam alguns trabalhos seus, entre os do malogrado Lobato Pires, Mascarenhas Bastos, Osorio e outros, distinguindo-se por certo cunho de linguagem vernacula.

Findo o curso, e assentando praça, foi muito estimado e considerado no quartel general da 1.ª divisão militar, onde serviu. Frequentando a Escola Polytechnica para alargar os seus conhecimentos, ali teve por collegas e companheiros muitos distinctos officiaes do exercito e armada e outros como os srs. Candido da Costa, Freire d'Andrade, Alexandre Castilho, Jacintho do Couto, Marianno Ghira, Augusto J. da Cunha etc., valendo-se alguns das lições por elle coordenadas em Introducção, Botanica e Economia Politica, e sendo todos seus amigos dedicados.

Era muito considerado por todos os seus collegas pelo seu coração aberto e lealdade de caracter, sendo escolhido para quantas commissões, no seu tempo, se organisaram d'entre os alumnos das escolas superiores de Lisboa, para diversos fins.

Em 1855 entrou nas obras publicas, trabalhando nos estudos do Caminho de ferro de Santarem á fronteira, com os srs. Tavares Trigueiros, Paiva Couceiro, Almeida, Boaventura Vieira, Trindade Sardinha, etc., que todos conservam ou conservaram sempre em muita estima o seu intelligente collega. D'aqui passou para a Direcção das obras publicas d'Aveiro, ficando ali muito conceituado pelos seus trabalhos, tanto nas obras do estado como nas municipaes dos Conselhos d'Agueda e Albergaria Velha.

N'este ultimo concelho, alem da importante transformação da Villa sob seu habilissimo e economico projecto, conserva uma honrada reputação o seu nome, pela maneira intelligente e imparcial com que, na idade de 27 annos, exerceu o cargo de Administrador do Concelho, manifestando o seu caracter verdadeiramente liberal, e com bom senso, que é o seu principal caracteristico.

Pela sua promoção a capitão, voltou ao serviço do exercito, e em Bragança e no Porto, em caçadores 3 e 9 foi sempre muito estimado.

Na guarnição do Porto era sempre o seu nome talvez o primeiro apontado para quantas commissões ali se organisaram n'aquelle tempo, tendo elle apresentado ao venerando general conde de Torres Novas, conjunctamente com outros officiaes, vivos ou fallecidos, um projecto da associação militar.

Este distincto general tanto o estimava pelo seu caracter e intelligencia, que o nomeou para varias commissões de serviço, cujos trabalhos foram muito approvados e lhe mereceram elogios.

Tinha a sympathia dos soldados, a estima dos seus camaradas e a consideração dos seus chefes, que o consultavam em muitos assumptos delicados e importantes.

Como presidente das juntas de revisão dos distinctos de Santarem, Lisboa, Beja e Evora, foi sempre recto e em toda a parte ficou o seu nome muito estimado e considerado.

Elevado a coronel, foi instado pelo sr. conde de S. Januario para aceitar um commando, pelo seu vigor physico e dotes intellectuaes.

Com custo accitou o encargo, porque lhe ia fazer interromper trabalhos historicos importantes, principalmente o relativo ao infante D. Henrique, em que trabalhava havia sete ou oito annos, e que mais util fôra á nação não descontinuar, do que o inglorio mas difficil encargo do commando de um corpo na provincia.

As mesmas qualidades de justiça sem aspereza, modestia, lhanza, honestidade, inteireza e bom senso, de que tem dado provas na sua vida, o acompanharam no commando, e por isso era adorado dos soldados, respeitado dos officiaes, e muito considerado pelos seus chefes.

Esperando o premio dos seus serviços, sentiu os

espinhos de uma inesperada injustiça coroar a sua indefeza, dedicação e lealdade!

Quem o viu durante um longo anno, com os seus collegas de direcção, sustentar os créditos da Associação dos Escriptores Portuguezes, dedicando-se a ella como é seu costume em tudo, mal poderia imaginar que homem de tal valor soffreu-se um dia um desaire.

O que se tem passado em varios concursos é porém edificante exemplo.

Sabemos que o illustre official fôra prevenido, tempo antes, do golpe que lhe estava preparado, mas conscio do seu merecimento e bons serviços, não procurou protecção, de que infelizmente no nosso paiz se vê não carecem somente os que pouco valem!

um desagravo, de que a nossa homenagem é um pallido reflexo.

E ao terminar confiamos que não tardará que nos continue a auxiliar na nossa tarefa. Aqui será sempre bem vindo.

A EMBAIXADA DE JUNOT EM LISBOA

IV

Pouco nos interessa agora o que o sr. de Mouy conta acerca da curtissima residencia do embaixador Junot em Lisboa. Os pormenores da recepção da embaixatriz pela princeza D. Carlota Joaquina são bem conhecidos das *Memorias* da

processos da mais delicada cultura. As mulheres d'esses dois principes bem pouco se assemelhavam áquella gentilissima Maria Antonieta que levava ao menos ao cadafalso, ao lado da cabeça bondosa mas vulgar e chata do seu marido, a fina, altiva, formosa e fascinadora cabeça da filha de Maria Thereza. A rainha de Hespanha e a princeza de Portugal eram uma e outra os typos mais completos da mais abjecta sensualidade, não resgatada por uma presença attrahente. Vendose Carlota Joaquina ainda se percebia, melhor do que vendo-se Maria Luiza, que estas filhas de reis precisavam não de vender os seus favores, mas de os dar pagando caro a quem lh'os aceitasse. M.^{ma} Junot estava longe de ser bonita, mas era intelligente, fina, e, apesar do seu entusiasmo pelos prestígios do nascimento, não podia dei-

gosto e peor boca que Sydney Smith. É verdade que este foi no Brazil que se deixou captar pelos olhares ardentes da lasciva princeza, e o clima tropical explica muitas aberrações.

A parte em que mais se espraia o sr. de Mouy é na que é relativa ao caso da esquadra do almirante Cochrane, e essa é muito nossa conhecida, porque d'ella tratam os documentos diplomaticos publicados pelo sr. Bicker. Não sabiamos porém que Junot recebera muitos cumprimentos de Talleyrand pelo modo como se houvera n'essa questão.

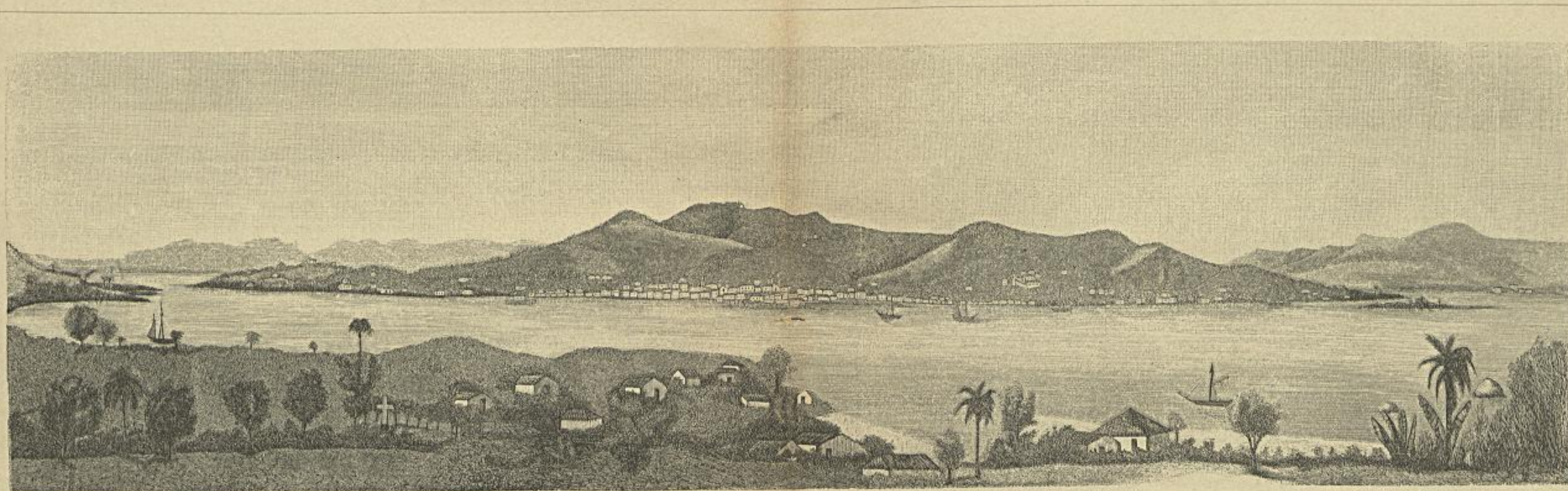
Lembremos o caso que é simplissimo. Estando Junot em Lisboa, entrou no Tejo uma esquadra ingleza commandada pelo almirante Cochrane, para aqui se abastecer de viveres. Junot protestou energicamente, declarou que Portugal interpre-

de era que não podia deixar de ser assim. Se Napoleão impunha a Portugal uma neutralidade ficticia, como podia espantar-se de que o governo inglez, em troca, a mesma neutralidade ficticia lhe impozesse? Pois não sabia a França que uma neutralidade, comprada por Portugal a troco de um subsidio de 10 milhões de francos que o nosso paiz lhe pagava, não podia deixar de ser ficticia? Quem toma a serio uma neutralidade, em que o *neutral* concorre para as despesas da guerra com um forte subsidio em dinheiro? E cuidava por acaso o finissimo Talleyrand que a Inglaterra não tinha pleno conhecimento d'esta *convenção secreta*? E, conhecendo-a, podia tolerar a sem ser a troco de vantagens que também *secretamente* Portugal lhe concedesse? Afinal de contas assim é que a verdadeira neutralidade se recons-

pulacho de Portugal. Em 1805 era o ministro dos negocios estrangeiros que pedia de mãos postas á Inglaterra que mandasse sair do Tejo a sua esquadra para não desencadeiar contra Portugal as iras de Napoleão, em 1851 era o ministro dos negocios estrangeiros que pedia de mãos postas á Inglaterra que desistisse da assignatura do tratado de Lourenço Marques para não desencadeiar contra o governo as coleras da Sociedade de Geographia, em 1892 era ainda o ministro dos negocios estrangeiros que pedia de mãos postas á Inglaterra que não mandasse a sua esquadra invadir nos nossos portos para não desencadeiar contra o governo as coleras em meia doze—porque se traduziriam em se fechar a meia porta—dos logistas da Baixa.

Que tristeza!

OS ACONTECIMENTOS NO BRAZIL



PANORAMA DA CIDADE DO DESTERRO, SÉDE DO GOVERNO PROVISÓRIO

Vista tirada dos Coqueiros pelo viajante portuguez sr. A. Lopes Mendes

As paginas nos nove primeiros annos do nosso periodico patenteiam o seu merecimento.

Apontaremos apenas pela oportunidade do momento, um artigo relativo a Marrocos, pela sensatez e elevação das vistas politicas, além de outros trabalhos de importancia historica reconhecida.

Os diplomas com que algumas sociedades litterarias o tem contemplado, o testemunho de apreço e reconhecimento que alguns escriptores nacionaes e estrangeiros fazem dos seus trabalhos em obras que todos conhecem, e o concuro unanime dos seus camaradas e collegas nas lettras, muito mais valiosos que a opinião desautorizada de dois ou tres individuos, devem confortar-o e servir-lhe de galardão.

Quando Camillo Castello Branco escrevia na *Arte* um artigo supplementar a um trabalho de Brito Rebello, sujeitando esse additamento ao seu bom senso e elevado criterio, e classificando os seus trabalhos de *portuguezes na essencia e luctuosos na forma*, lavrava-lhe de ante-mão

duqueza de Abrantes, e mr. de Mouy não faz senão reproduzilos. Os documentos principaes de que este escriptor se serve para contar os incidentes diplomaticos d'essa embaixada, se eram desconhecidos em França, não o eram em Portugal, porque são as notas dirigidas por Junot ao nosso ministro dos negocios estrangeiros, e essas vêm publicadas na collecção do sr. Bicker.

As impressões produzidas por esses representantes das velhas monarchias nos representantes da incipiente monarchia imperial, deviam ser na realidade estranhas. Encontravam em Hespanha e em Portugal, como detentores do poder supremo, dois principes que pareciam ser effectivamente os ultimos termos da degeneração de uma raça. dois maridos grotescos, dois soberanos—um inepto como Carlos IV de Hespanha, outro de uma timidez tão completa que lhe inutilizava o bom senso. Physicamente não davam melhor idéa do que pode ser uma raça apurada, aristocratica entre as mais aristocraticas, afinada por todos os

xar de reconhecer que eram bem mais princezas aquellas *parvenues* que Bonaparte levará consigo para as Tulherias, que vinham das mattas da Corsega, mas que tinham a regia e esculptural formosura de Paulina, o porte soberano de Carolina, e a meiga gentileza de Elisa.

Apezar de tudo aquellas *laidérons* eram princezas authenticas, tinham nascido no throno, e exerciam por isso um prestigio inexcedivel, como sempre nos republicanos da vespera. Por isso M.^{ma} Junot, assim como se não esqueceu de referir que Maria Luiza lhe dissera que as suas mãos eram para se mostrar, também conta que a princeza Carlota Joaquina a recebeu em Queluz, para a honrar, coberta com todos os seus diamantes, e que a tratou com as maximas atenções. Enquanto a nós Carlota Joaquina, desfazendo-se em atenções com M.^{ma} Junot, devorava ao mesmo tempo com os olhos o guapo e desempenhado general, que lhe enviavam como embaixador. Perdia o seu tempo. Junot sempre tinha melhor

tava a sua neutralidade de um modo completamente erroneo, e que elle, ministro francez, não podia permanecer n'uma cidade em cujo porto entrava abertamente uma esquadra de guerra ingleza. Em presença d'esses protestos o governo portuguez supplicou ao ministro inglez, lord Fitzgerald e ao almirante inglez lord Cochrane que o não sugestassem ás iras terriveis da França, agora colligada com a Hespanha, e os dois representantes da Inglaterra, que percebiam bem que lhes convinha muito mais que Portugal mantivesse uma apparente neutralidade do que caisse no poder da França ou no poder da Hespanha, apressaram-se a ceder aos seus desejos, e a esquadra saiu. Junot triumphou e Talleyrand não lhe poupou os elogios.

Junot sabia perfeitamente, e dizia-o amargamente nos seus despachos, que a neutralidade portugueza era perfeitamente nominal, que os navios inglezes recebiam sorratamente nos nossos portos tudo aquillo de que careciam, mas a verda-

de era que não podia deixar de ser assim. Se Napoleão impunha a Portugal uma neutralidade ficticia, como podia espantar-se de que o governo inglez, em troca, a mesma neutralidade ficticia lhe impozesse? Pois não sabia a França que uma neutralidade, comprada por Portugal a troco de um subsidio de 10 milhões de francos que o nosso paiz lhe pagava, não podia deixar de ser ficticia? Quem toma a serio uma neutralidade, em que o *neutral* concorre para as despesas da guerra com um forte subsidio em dinheiro? E cuidava por acaso o finissimo Talleyrand que a Inglaterra não tinha pleno conhecimento d'esta *convenção secreta*? E, conhecendo-a, podia tolerar a sem ser a troco de vantagens que também *secretamente* Portugal lhe concedesse? Afinal de contas assim é que a verdadeira neutralidade se recons-

tituia. Portugal não era neutral abstando-se de entrar na luta, era neutral ajudando os dois contendores, dando á França subsidios em dinheiro para os seus exercitos, á Inglaterra subsidios em munições e em viveres para as suas esquadras. Portanto a irritação de Junot era perfeitamente ficticia, e melhor teria feito o governo portuguez se não cedesse á exigencia do governo de Napoleão. Nada mais natural do que dizer-lhe que, se elle não podia estar n'um porto onde entrava abertamente uma esquadra ingleza, também lord Fitzgerald não podia estar n'um porto d'onde uma esquadra ingleza era expulsa; mas a fraqueza do governo portuguez d'essa epoca ficou legendaria, ou ficaria legendaria se não tivesse tido tantas imitações nos tempos que vão correndo. O gabinete de Saint-James tem-se farto de attender com um sorriso de desprezo ás supplicas dos governos d'este paiz, que, por medo, lhe vão implorar que os não obrigue a fazer coisas que os exponham á colera ou de outra nação estrangeira ou do po-

Emfim essas transigencias, essas humilhações de nada serviram ao governo portuguez. Se Napoleão não nos impoz á força a sua aliança, vendo bem que por bons modos o não conseguia, foi porque teve logo a assoberbal-o a guerra com a Austria e a Russia, depois da batalha de Austerlitz também d'isso se não pôde occupar, porque não tardou a guerra com a Prussia e a Russia também, depois de fenci continuou empenhado na lucta com o czar, mas depois de Eylau e de Friedland, e depois da paz de Tilsitt, foi a primeira coisa em que pensou, e esse pensamento manifestou-se sem a minima hesitação no tratado de Fontainebleau.

Junot voltou então a Portugal mas com outras condições, elle que tudo deixára—embaixada e mulher—para poder tomar parte na maravilhosa campanha do Maravia, voltou a Portugal dois annos depois sem a embaixada e sem a mulher—proconsul em vez de legado, tendo harem como um conquistador arabe de meia idade em vez de ter *salon* dirigido por uma esposa litterata, espiri-

tuosa e feia, como um diplomata francez do seculo XVIII. Foi afinal de contas esta ultima a impressão que ficou em Portugal, e não foi, nem podia ser favoravel ao intrepido primeiro ajudante de campo do grande imperador.

Como nota final diremos como foi que Napoleão recebeu Junot, no dizer do sr. de Mouy:

«No dia 1.º de Dezembro pela manhã, Napoleão, que examinava o campo nos postos avançados, viu de longe na poeira uma carruagem de posta que vinha á desfilada: «Na verdade, disse elle, se isso fosse possível, iria dizer que era Junot». E, quando o viu entrar na sua tenda: «Com a bréca, exclamou elle, para isto só tu! Chegar na vespera de uma grande batalha, andar mil e duzentas leguas e deixar uma embaixada para vir ao canhão!»

Pouco menos de tres annos depois, recebia Napoleão o general Junot duque de Abrantes vindo de Portugal tambem! Vinha devagar d'essa vez, tinham-n'o trazido a França juntamente com o seu mutilado exercito os navios inglezes, e vergava ao peso da capitulação de Cintra. D'essa vez não o recebeu Napoleão com a mesma alegre cordialidade!

M. Pinheiro Chagas.

CINCO DOIDOS ILLUSTRES

(Concluido de n.º 512)

D'ahi o duello! O primeiro a atirar, designado pela sorte, foi Prioux, que errou a pontaria. Fontoura negou se gentilmente a atirar depois d'elle, dizendo não querer prevalecer-se da vantagem que lhe dava a sua completa tranquillidade de espirito, desarmado como ficára o seu adversario.

Dois outros officiaes francezes ao serviço de Portugal, Hoffman e Augustin, testemunhas de Prioux, auxiliaram Sant'Anna e Vasconcellos e a mim, padrinhos de Fontoura, a compormos a desavença frívola em que a honra de Prioux ficava a coberto de todas as suspeitas, e o procedimento do meu amigo tido na conta de justo e cavalheiro.

Pouco tempo depois d'este episodio, Fontoura, que completára brilhantemente na Escola Polytechnica o curso de engenharia, era escolhido pelo governo para ir a Paris seguir o curso de pontes e calçadas, em companhia de João Evangelista d'Abreu, o mais distincto mathematico do seu tempo, e de que logo fallaremos por haver tido o mesmo fatal destino de que o infeliz Fontoura.

De regresso a Portugal, tendo brilhantemente concluido o seu curso e sido desde logo aproveitado pelo governo em melindrosas commissões de serviço publico, Fontoura andava inquieto, apprehensivo. A vida agitada de Paris levada de promiscuidade com um trabalho incessante tinha-lhe irritado os nervos, já de si predispostos para uma excepcional sensibilidade. Depois... veio uma mulher exaltar-lhe ainda mais o espirito. Era formosa, provocadora, retrato fiel de outra ou de outras que Fontoura deixára na capital das grandes aventuras.

A sua influencia no animo do meu pobre amigo foi decisiva. D'ahi a pouco estava em Rilhafolles... doído furioso!

Ainda hoje encontro todos os domingos a semicumplice d'aquella fatalidade correctamente vestida de preto, com um grande livro na mão, dirigindo se á missa da uma hora da tarde no Loreto, acompanhada de uma filha que deve ter os seus dezoito annos de idade, praso muito posterior á tragedia que levou Fontoura ao inferno de que, como do outro do Dante se pode dizer com verdade:

Lasciate ogni speranza ò voi qui entrate.

Longe de mim a ideia de condemnar as mulheres que sabem prender nos seus braços os homens que se distanciam do vulgo; mas confesso ser com um doloroso sentimento que encontro e saúdo a que foi inspiradora do meu infeliz camarada de collegio.

Paris é uma terra fatal ás organizações sentimentaes, mesmo quando estas se disfarçam com a aridez dos calculos mathematicos. Conheci em Coimbra, no tempo da Maria da Fonte, um rapaz alto, trigueiro, de olhos pequenos e vivos descuidado de todas as apparencias, esquecido das coisas praticas da vida, pécha que de ordinario se attribue aos poetas, e que eu estou em dizer que mais quadra a esses outros scismadores que se embrenham ás cegas nas florestas dos algarismos.

Chamava-se João Evangelista d'Abreu, o já então distinctissimo mathematico que a academia tinha na conta do seu melhor ornamento, e que mais tarde foi considerado como um engenheiro

de grande arrojio de concepções, de formulas rigorosas para demonstrar a verdade das suas mais audazes previsões scientificas.

Quando eu conheci João Evangelista, em 1847, já elle era um excentrico, um original que dava que pensar aos amigos.

Os estudantes, quasi sempre pictorescos nas alcunhas que põem aos collegas e que ás vezes ficam até o fim da vida chamavam a João Evangelista o lobo cerval, não porque os seus instinctos fossem carniceiros, mas por ser de fôrmas angulosas, desmanchadas que se traduziam em contornos asperos sem suavidade de linhas no seu todo plastico.

Quando a Academia se revolucionou estava João Evangelista no ultimo ou ante-penultimo anno do seu curso. Arrancado ás suaves confidencias dos seus livros queridos, o governo da Junta do Porto entendeu dever fazer d'elle um alferes de cavallaria! Passo pelo alto os episodios burlescos a que deu logar a sua entrada na milicia. Finda a guerra civil João Evangelista voltava a estudar e annos depois era escolhido para ir por conta do governo matricular-se com Fontoura, na escola de pontes e calçadas de Paris. Entre todos os estudantes, de todas as nacionalidades, João Evangelista foi sempre o primeiro, sem prejuizo de uma frequencia quasi fixa nos bailes Mabile e da caçada ás nymphas mais ou menos pudicas que estordinhavam pelos bairros menos selectos de Paris.

De regresso a Portugal João Evangelista vinha mais alinhado, presando as essencias finas, e tendo chegado ao apuro de domar o cabelo que elle enquanto estudante avésára á revolta, mettendo-lhe os dedos, para se vingar de não descobrir uma incognita tão rapidamente quanto se lhe affigurava fazel o pela clareza das premissas em que assentára o problema que pretendia resolver.

Como engenheiro os seus creditos foram desde logo eguaes, senão superiores aos que ninguem lhe contestara nos bancos das Escolas. Era o primeiro engenheiro portuguez, dizia-se. As obras de que o governo o encarregára justificaram plenamente a opinião publica. Um dia fui encontrá-lo sentado n'um escabello de pinho á porta do gabinete do ministro das obras publicas. Ponderet lhe que n'aquelle banco, verdadeira pedra de toque da paciencia dos pretendentes desprotegidos, é que se sentavam as viuvas que pediam pensões, os infelizes que mendigavam um emprego.

Respondeu-me tristemente que tambem elle era pretendente, porque vinha requerer... o habito de Christo! N'esse mesmo dia contei a alguém que vira João Evangelista humildemente sentado á porta do ministro, e que dissera andar requerendo uma coisa que se acceita por grande favor... o habito de Christo.

Foi só então que eu soube que o distincto engenheiro não andava já bom de juizo!

Mas antes João Evangelista apaixonara-se por uma rapariga formosissima, excentrico ideal na maneira de encarar a vida.

Chamava-se Narcisa e se tinha a belleza da sua homonyma da mythologia, não tomára d'ella os desvanecimentos pueris. Se lhe dava para amar ia tudo raso com ella; mas tambem eram-lhe de pouca duração as tempestades que levantava nos corações alheios. Foi nos magnificos olhos de Narcisa que João Evangelista foi naufragar. Em Rilhafolles entretinha-se a estudar allemão, sósinho. Creio que o pobre doído tinha a lingua de Bismark como um calmante. Poder supremo da mulher sobre os pobres vermes que se chamam homens! Quando João Evangelista estava mais agitado apparecia-lhe ella, e levava o manso, obediente e resignado a passeiar de carruagem, tal era a confiança que tinha na fascinação que exercia sobre o infeliz allucinado. Com os seus dedos cor de rosa a fada agrilhoava o monstro da loucura, e comprasia-se em mostrar a sua victima como as domadoras de feras exhibem os seus leões domesticados!

As forças foram finalmente faltando ao doente, e quando todos julgavam que poderia restabelecer-se tinha acabado o seu longo martyrio! (1)

Resta-me fallar de um amigo que ainda vive... se viver se chama ao longo supplicio de dois annos, contados dia a dia, em que a razão se lhe foi esvaecendo gradualmente, as forças physicas abandonando-o até chegar a esse miserio estado de abandono de si mesmo, prenuncio fatal do desfecho de uma lugubre tragedia.

Entre as muitas e variadas causas que os medicos alienistas assignalam á loucura entra a politica, fazendo quasi tantas victimas como a religião e o amor, os dois mais despiadosos agentes de anniquilamento das nossas faculdades intelle-

ctuaes. Tenho entre mãos curiosos documentos escriptos pela propria letra do infeliz já depois de haver perdido a razão com que posso provar que foi a politica que toldou a brilhante intelligencia de Jacintho Augusto de Freitas e Oliveira, o amigo e admirador de José Estevão Coelho de Magalhães.

Freitas e Oliveira entrou na vida publica com todo o fogo e enthusiasmo de um verdadeiro crente. A sua cabeça, verdadeiramente bella e viril tinha o cunho do desassombro e da audacia.

O gesto era-lhe rasgado, a voz sonora, o porte airoso e firme. O seu exterior era o de um tribuno; as suas ideias as de um revolucionario. A sua intimidade com José Estevão... (1)

L. A. Palmeirim.

Concurso para o monumento do Infante D. Henrique no Porto

(Continuado do numero antecedente)

O projecto que obteve o 2.º premio, foi o do architecto o sr. Ventura Terra, que tinha a divisa:

1394-1894

Sobre um pedestal cylindrico, de estylo moderno, assenta a estatua do Infante, com o chapéu e vestuario tradicionaes. A figura apoia a mão esquerda em um plinto sobre o qual se desdobra um mappa, tendo o braço direito erguido. Em baixo, e como que impellido o heroe, sobresahe a figura semi-nua da fama, que cinge o Infante pela cinta com o braço esquerdo, estendendo o direito na acção de apontar para o espaço.

Em redor do pedestal estão as estatuas, sentadas, da Philosophia, da Geographia, da Mathematica e da Astronomia, vendo se além d'isso, no alto d'elle, de um lado o brazão de armas do Infante e do outro o da cidade do Porto.

No mesmo pedestal ha dezeseis placas de marmore com os nomes dos homens mais illustres que auxiliaram a obra do Infante, duas transcripções de trechos dos principaes discursos do heroe, e a inscripção das quatro principaes partes do mundo, havendo entre outros motivos de decoração, ancoras representando a navegação.

Na parte inferior do pedestal estende-se, em um mar ficticio, a prôa de um navio symbolico, na extremidade do qual se destacam duas figuras representando o mundo antigo e o mundo descoberto, fraternizados pela figura da Civilização, que domina todo o conjuncto, do alto da prôa da embarcação.

Por detraz do pedestal estende-se um amplo terraço, rodeado por uma balaustrada, e para a qual dão ingresso, pela parte da frente, dois grandes lanços, lateraes de escadas e pela da recta-guarda, alguns poucos degraus.

O monumento assenta em um pavimento em que está combinado o marmore e o mozaico, representando uma parte da esphera terrestre, acompanhada dos symbolos do zodiaco e das imagens do tempo.

Este projecto é o mais completo em desenho que se apresenta. O auctor enviou a fachada principal, a fachada lateral, a planta geral, uma vista em perspectiva e uma *maquette* da estatua do Infante.

Muito bem estudado e muito bem executado, o referido projecto attrahe pela sua grandiosidade e apparato, mas visto em detalhe, as boas impressões diminuem.

Em primeiro logar achamos o monumento demasiado grandioso para o espaço a que se destina.

Depois não sympathisamos nada com aquella ideia do terraço e das escadarias, havendo além d'isso, a nosso vêr, um vacuo de mau effeito produzido pela distancia que medeia entre a estatua do Infante e o navio symbolico.

Demais, a estatua não nos satisfaz nem pelo seu arranjo, nem pela sua acção, sendo igualmente de um effeito desagradavel a posição da figura da Fama, estendida, cortando abruptamente a linha recta da estatua do Infante.

Visto de frente, o monumento impressiona bem, mas analysado de perfil já não agrada tanto, parecendo pezada e fria aquella immensa moile.

Além d'isso seria possível construí-lo dentro das forças do orçamento, isto é, dos 40 contos designados pela commissão?

Não nos parece.

(Continúa).

M. M. Rodrigues.

(1) Aqui termina o que deixou escripto e que, como dissemos em outra nota, é o seu ultimo trabalho litterario.

A REDACÇÃO.

(1) Freitas e Oliveira era ainda vivo, quando o auctor escreveu este artigo, mas falleceu em 1886.

O TORNADIÇO

Romance historico

PELO

MORG. DE FORTINHÃES

III

(Continuado do numero antecedente)

Quando D. Balthazar appareceu de chofre em Lisboa, o conde de Val-de-Bouro disse logo para a esposa:

— Temos novidade, o Balthazar fez alguma lá pelo Minho!...

E o fidalgo que esperava a cada hora, alguma queixa do pudor indignado das suas caseiras, ficou attonito quando o filho, apresentando-lhe um rolo de papeis com a genealogia dos Cordovis de Lencastre, lhe declarou o seu compromisso matrimonial.

— Que queres tu fazer, sandeu? — admoestou o velho — Não te tenho eu dito já, que se não quizeres ser frade tens de casar com a tua prima Castelbranco?

— Mas...
— Qual «mas», nem meio «mas»! Fique sabendo que as suas loucuras já me começam a aborrecer. Tome juizo! Ainda Portugal não viu um moço do seu sangue e da sua idade, sem prestimo nenhum para o paiz!

— O meu paiz está em mãos de estrangeiros, e eu não sirvo reis estrangeiros... Queria v. s.ª que eu fizesse como o meu irmão mais velho que, a troco de um titulo, foi offerecer a sua espada a D. Philippe?

— Não me dê lições de brio. Fique sabendo que quando seu irmão acceitou o condado da Agra, vieram offerecer-me a mim, o titulo de Marquez... E eu regeitei!

— Então!...
— Mas o facto do rei ser estrangeiro, não priva os moços nobres dos seus deveres. Ha muitos modos de dignamente servir a patria. Mas de isso falaremos depois. Agora do que se trata, é de essas tolices do casamento. Foi assim que se preparou para o noviçado em Tibaens, hein?

— O noviçado não se tornou necessario; Deus alumiu-me a alma.

— Não me venha com sandices: Deus não lhe alumiu nada! Se lhe alumiasse, já não digo a alma, mas ao menos o juizo, não viria vossa mercê agora fallar-me de umas bodas que arranjou lá não sei aonde!

O velho conde, irritado, movia-se nervosamente na vasta quadra onde o filho o assaitara com a confidencia. Um sol de verão escaldava as vidraças das janellas, dando tons de ouro á transparencia do velhinho que as decorava.

De si para si, o velho, que nunca se aventurara, por prudencia, a contraditar assim violentamente aquelle filho em que cuidava existir um embrião physiologico de loucura, pasmava da humildade com que D. Balthazar recebia as admoestações; e promettia a si mesmo invergar de ali en, diante aquelle rigido aspecto de pae tyranno, sempre que o rapaz tresvariase, quando este, sabindo afinal das suas cogitações, disse, com voz despreoccupada e affavel:

— Mas onde quer v. s.ª que se faça o casamento; em Vizeu ou em Val-de-Bouro?

— No inferno! — rugiu o conde. E depois voltando ao filho a face onde o pasmo quasi desvanecia as linhas duras da colera, acrescentou: — Pois eu não te disse já, sandeu, que, a cazares, ha de ser com a prima Castelbranco?

— Que lucro eu em cazar com essa serêsma?

— Lucras tudo, porque não encontrarás donzella de mais illustre sangue e com os morgadios tão prosperados.

— Bem. Então v. s.ª oppõe-se ao meu casamento, não é verdade?

— Já te disse o que tinha a dizer. Com a prima Castelbranco...

— Com essa não posso cazar. V. S.ª bem sabe que eu mal a conheço, e ella pouco melhor saberá quem eu sou. De esta maneira...

— Bem, bem, eu sei o que hei de fazer.
— V. S.ª se arrependará bem depressa. Faça-me a mercê de me dar esses papeis

Só então notou o masso de genealogias de que o filho se prevenira para abrandar a já prevista resistencia paterna; e ao tomar o de sobre a meza, perguntou:

— O que é isto?

— Documentos da nobreza dos Cordovis de Lencastre.

O conde desatou o cordão verde que ligava a papelada e passou um olhar lento pela primeira

certidão que lhe surgiu. Pouco a pouco, os papeis estavam espalhados na meza, e o conde, já interessado, não notava o sorriso com que o filho ia seguindo aquelles movimentos.

No fim, estava a lista dos bens de fortuna, onde o velho fidalgo viu, estupefacto, que D. Luiza Cordovil de Lencastre, com a legitima do pae falecido e com o dote que lhe promettia o tio padre Lopo de Almeida, trazia para o casal uns bons cem mil cruzados, quantia então quasi fabulosa em dotes provincianos de filhos segundos.

A leitura do manuscripto, alterava visivelmente o conde de Val-de-Bouro. No intimo, já elle pensava que o estouvado leitor do Clarimundo não era tão tolo como parecia.

— Vamos a saber: tu deves alguma coisa a esta menina?

— Devo-lhe muito amor e a minha palavra de esposo.

— Só?

— Que suspeita v. s.ª? Pensará por acaso que eu não tenho espiritos para sentir um grande e digno amor?

Reapparecera a visão do Clarimundo: — o conde não respondeu.

E quando D. Balthazar, já impaciente, lhe perguntou o que resolvia afinal, o velho pesando gravemente as palavras, rosou:

— Eu pensarei, eu pensarei. Isto não vae a correr. Já que deste a tua palavra, é honra que a cumpras... Mas emfim é tambem preciso não aggravar os Castelbrancos. Eu hei-de ver; fallaremos, depois.

D. Balthazar, certo já do consentimento paterno foi mostrar-se pela cidade, sobre o dorso do seu esquecido murzello. Mas Lisboa, então andava tumultuada pelos impostos com que o duque de Olivares opprimia os portuguezes; e o rapaz depressa recolheu a casa, vociferando contra aquelle surdo rancor popular que envenenava a cidade.

— E não ha, entre essa corja, um valente que torça o gasganete ao malhadiço do Miguel de Vasconcellos! — rugiu elle, ante a face attonita dos irmãos e da mãe, depois de ter commentado o aspecto lugubre de Lisboa.

— Tento na lingua mano! — advertiu o irmão mais velho, o conde de Agra, que n'aquelle dia viera visitar os paes. — Tento na lingua que não estamos nas montanhas do Minho...

— E porque em Lisboa, as paredes e os condes da ultima hora tem ouvidos, não é isso?... Pois senhor conde da Agra, meu irmão e senhor, não perca a occasião de merecer nova graça do rei Philippe. Vá repetir as minhas palavras ao secretario, vá!...

O conde ia a irritar-se, mas retomando a sua habitual fleugma cynica e desdenhosa, murmurou:

— Não vou, porque vossa mercê não merece a honra de uma denuncia de tal porte; se houvesse de delatar-o, a alguem, seria ao *pay dos velhacos*.¹

— Ah! perro de renegado! — e D. Balthazar, já desnordeado, ia a lançar-se sobre o conde, quando uma das irmãs, receando algum excesso, se metteu de permeio.

— Mato-o! — era a unica palavra de D. Balthazar, enquanto que o irmão, vendo n'aquelle colera um espectáculo indigno dos seus olhos civilizados, lhe voltava gravemente as costas.

Afinal o fogoso patriota socegou. D. Thereza de Tovar, a sua irmã querida, chegou mesmo a convencer-o de que devia congraçar-se com o mano conde; mas quando quiz celebrar o tractado de paz, não encontrou o segundo contendor, e uma velha aia de sua mãe, que elle inquerira, teve esta picante observação.

— O senhor conde?... Boa! foi se embora e fez muito bem. Não que elle ainda se ha de lembrar d'aquelle vez em que o senhor D. Balthazar correu atraz d'elle com o espadão do bisavó...

O senhor de Val-de-Bouro quando soube da contenda dos dois filhos, ficou desgostoso e inquieto. E ainda que os seus sentimentos applaudiam intimamente a aobre inergia do filho mais moço, tratou de acelerar, quanto possivel, a partida d'este para a provincia. Fingiu que removia difficuldades com os primos Castelbrancos que que afinal já quasi tinham disposto da mão da morgadinha a favor de um titular madrileno, e ao fim de uma semana, deu solemne approvação á alliança com os Cordovis de Lencastre.

Mais tres semanas foram gastas em combinações dotaes e outros preparativos opportunos; ao cabo d'ellas, D. Balthazar de Lara, acompanhado do pae e da irmã D. Thereza, partiu para Silgueiros, onde se tinha resolvido a celebração dos esponsaes.

¹ Pay dos velhacos, era um magistrado que tinha a veu cargo vigiar os moços vadios. Frei Nicolau de Oliveira, nas suas *Grandezas de Lisboa* refere-se a elle.

Foi o tio padre Lopo de Almeida, quem os abençoou na capella da casa, onde toda a nobreza de Vizeu mal cabia com a pompa das suas comitivas.

O plano da festa, a principio, era mais apparatuso; mas uma febre maligna, accommettendo de repente o bispo D. Diniz de Mello e Castro, que tinha de ser o celebrante, alterou o programma, com grande satisfação do padre Lopo que, ao cabo dos latins da lithurgia, exclamou:

— Perdõe-me Deus, mas estimei, estimei deveras a febre de sua illustrissima, porque já que arrangei o casamento como tio, era de justiça que o abençoasse como sacerdote.

E voltando para a sobrinha a face escarlate de jubilo, accentuou:

— E para o baptisado tambem cá estamos, senhora sobrinha! Venha elle depressa!

Uma ventura facil illuminou a paz dos primeiros mezes esponsaes.

Em agosto de 1639, D. Luiza Cordovil tendo-se refugiado com o esposo em uma risonha herdade á beira-Lima, nos arrabaldes de Vianna, deu á luz, inesperadamente, o primeiro filho.

Umás senhoras da visinhança, as Vabos, ainda parentes da casa de Val-de-Bouro, e as Alvins, filhas de um velho capitão-mór gottoso, apenas conhecido o successo, correram, n'um alarido festivo a aplacar com o seu tino domestico, a baldardia alegre d'aquella surpresa.

A volta do menino, filiando-lhe já as linhas do rostosinho tumido e choroso, lamentavam as senhoras a desprovisão do enxoval que ficára começado em Silgueiros, sob a direcção da avó, e o desconforto em que se via D. Luiza Cordovil, n'aquella casa de campo, nua de estofos e de tapetes, com os soalhos picados do caruncho...

Mas D. Balthazar erguia os braços n'um gesto largo de ventura.

— Com um grande amor, primas e senhoras, vive-se em toda a parte!

Seis dias depois chegavam a mãe de Luiza e o padre Lopo de Almeida, acompanhados de grandes bagagens, e do enxoval para o pequeno.

O bacharel em canones, vinha esbofado de commoção e da viagem Aquella nova cahindo de chofre na sua pacificação de Silgueiros, abalara-o de impacientes alegrias Ficara como elle dizia, «Jerretido de espanto»; e chegando emfim á beira do leito onde Luiza lhe sorria extenuada e pallida, rompeu logo em grandes exclamações:

— Então que trastorno foi esse, senhora sobrinha? Isso foi malicia ou engano? Nós a contarmos com o pimpulho só lá p'ás colheitas, e vossa mercê, zás! manda-o ao mundo com estas soalheiras de torrar pretos!

D. Balthazar interveiu alegremente.

— Dizia o meu mestre, reverendo tio, que em grandes dias é que nascem os grandes homens!

— Isso é fallar de hereje, senhor sobrinho. Attente vossa mercê, que o Redemptor nasceu no dia mais pequeno do anno.

Correram alguns dias absorvidos quasi inteiramente pela installação da familia n'aquella «velha barraca de campanha», como o padre Lopo lhe chamava, com saudades dos confortos da sua casa.

No principio de Setembro, Luiza que já começara a erguer-se, sentiu-se subitamente mal, e de novo se recolheu ao leito, com accessos febris que puzeram um vago sobresalto no espirito do medico Durães, um velho doutor de Vianna, que crivou de sangrias o corpo debil da enferma

Para cumulo da confusão, o pequeno, ao fim de alguns dias adoeceu tambem, e o cirurgião, assaltado pelas exclamações da familia, respondeu ambigualmente que não seria mau ir tractando do baptisado.

— Não é por o juigar perigoso — suavizou o homem de sciencia. — Mas emfim ha casos...

— Se ha! —olveu-lhe o padre Lopo. — Homem prevenido vale por dois!

E precipitadamente, com uma simplicidade aldeã que desconsolou o animo meridional do bacharel em canones, o pequeno foi baptisado com o nome de Pedro Luiz.

— Pedro, — explicou o padre á parentella aborta — em memoria do seu tio paterno, o grande D. Pedro de Lara Peixoto, que morreu glorioso em Africa e em memoria de meu pae que tambem tinha o nome do santo chaveiro do céu; Luiz, em recordação do avó paterno, que é fidalgo como Deus manda. Permitta o céu que elle vingue, e verão vossas mercês que homem de aqui sae!

— Com taes auspicios... — murmurou sorrindo cortezamente um irmão das senhoras Vabos.

— Nem Geraldo Sem Pavor! — rugiu o capitão-mór Alvim, que entrara na garrafeira da casa.

Decorridos alguns dias, D. Leonor Cordovil foi outra vez declarada em plena convalescência pelo doutor Durães; contudo a sua pallidez acentuava-se durante a enfermidade, e uma magreza doentia, apertando a linha graciosa do seu corpo, dava-lhe uma lendaria esvelteza de noviça emaciada por violentos jejuns de penitência...

A doença do filho, levava-a a excessos que retardavam a cura; e para ella deixar o menino em descanso no collo da ama, foi necessario que o medico lhe jurasse que nada seria tão nocivo á saúde da creança, como o contacto do seu corpo convalescente.

Um dia, o velho Durães, assustado pelo constante estado lethargico do pequeno Pedro, disse confidencialmente a D. Balthazar:

— Fidalgo, aquillo é quebranto, não ha que duvidar! Algum perro de invejoso deitou mau olhar ao menino!

— Quem seria o villanaz?

— La quem foi, não lh'o posso eu dizer, o que é preciso, é tratar da cura. Veja vossa mercê se me arranja uma rapoza, e temos tudo arranjado, com a ajuda de Deus.

D. Balthazar expediou logo ordens urgentes para aquisição do bicho, estimulando a diligencia com promessa de hões alviçaros. Não foi necessario mais; no dia seguinte, em vez de uma, appareceram duas raposas reclamando o premio desejado.

O velho Durães, mandou cortar a mão de uma d'ellas, — e que lh'a levassem ao quarto do menino.

— Que mafarrico vae você fazer, oh amigo physico? — perguntou o padre Lopo, vendo o medico prender a mão da raposa com um grande nastro vermelho.

O doutor Durães arregalou os olhos.

— Pois vossa mercê não conhece, — disse elle — a milagrossa virtude que tem a mão da rapoza?

— A' fé que não.

— Pois é remedio abençoado. Uma mão de rapoza dependurada no pescoço, livra os meninos do quebranto; mas é preciso, além d'isso, dizer ao ouvido do padecente os nomes dos tres reis magos, ou colar-lhe no corpo um papel com elles escriptos.

— Grande virtude tem o bicho! — fez o padre. — Será por comer gallinhas, amigo physico?

— Lá porque é não sei. Mas a verdade é a verdade, e não ha physico de saber em todo o mundo que não recomende este remedio.¹

E o medico tendo mandado desnudar o collo do menino, lançou-lhe ao pescoço, com ares solemnes, o chispe do animal. Em seguida, receando que o pequeno não ouvisse pronunciar os nomes dos tres reis magos, tomou um quarto de papel, escreveu com letras gordas os tres nomes: Gaspar, Balthazar, Melchior, e collou-o com uma hostia no dorso arripiado da creança.

O padre Lopo enthusiasmara, achava aquillo «engenhoso e christão»; — e ali logo declarou ao amigo physico que se o creanço vingasse, podia contar com duas moedas de ouro de D. Sebastião, afora os salarios da lei.

D. Balthazar assistia aquelles manejos com uma vaga incrudelidade no olhar; e em silencio pensava se a raposa desmancada seria, em vida, tão manhosa como aquelle velho physico Durães. Contudo, de si para si, abalado pela sincera fé de todos que o rodeavam, murmurou:

— Emfim, ás vezes póde ser... Vê se cada uma!...

Ao fim da tarde, chegou um correio de Lisboa, com felicitações dos senhores de Val-de-Bouro, e ricas prendas de enxoval para o pequeno.

As senhoras Vabas e Alvins, que estavam presentes, analysaram curiosamente a transa delicada dos bordados, e perguntaram se não haveria n'aquillo uma pontinha de sciencia demoniaca.

O padre Lopo declarou logo que sim, que tudo aquillo estava empestado do mau espirito e precisava de muita agua-benta, — receando que as senhoras Vabas e Alvins, com a sua voraz curiosidade, enxovalhassem aquella roupinha que, conforme elle dizia, «parecia feita de clara de ovo!»

A attenção das curiosas voltou se então para umas flanelas brancas, muito macias, com um debrum rico de fios de oiro; e o padre Lopo, que

estava em veia, preveniu logo de que nada havia tão necessario ao pudor, como qualquer vestuario de lã branca.

— E porquê, e porquê? — exclamaram as senhoras alvoroçadas e já receiosas.

— Porquê? porque ha pessoas com vista tão apurada, que, não trazendo a gente qualquer veste de lã branca, é como se andasse despida para ellas.

— Credo! Cruzes! disseram todas as senhoras, conchegando-se mais nos vestidos, com receio de que alguns dos homens presentes, tivessem nos olhos aquelle perfido condão.

Só D. Balthazar, agitado por uma enorme gargalhada, disse:

— Oh reverendo tio, essa é gorda!

— Não ha tal, senhor sobrinho! Olhe que em Beja, ainda deve existir um homem que tem esse privilegio; vê a mais insignificante obstrucção interna nos olhos alheios, e os corpos vestidos para elle é o mesmo do que andarem em pello, se não trouxerem algum tecido de lã branca, porque só n'essa droga é que a vista do homem pára.²

As senhoras estavam attonitas, paralyzadas de terror; e uma das Vabos, muito beata, perguntou timidamente se os olhos do homem tinham togo para queimar os vestidos e deixar o corpo ao léo...



CORONEL JACINTHO IGNACIO DE BRITO REBELLO

(Copia de uma photographia)

— Não, senhora! — respondeu o padre. — Os olhos do homem, são como outros quaesquer, só com a differença de serem muito claros e muito sahidos para fóra, á guiza de bogalhos.

— E haverá muitas pessoas assim, pelo mundo? — perguntou ainda á mesma senhora Vabo, lançando um olhar de soslaio sobre os homens, com receio de surprehender dois olhos bogalhudos e claros fitos n'ella.

Mas o padre socegou-a: — não, aquillo era uma raridade, um milagre, uma coisa que apparecia de seculo a seculo. E explicou eruditamente, qñie Julio Cesar, imperador dos Romanos, segundo o testemunho do seu biographo Suetonio Tranquillo, lia qualquer escripta, de noite, sem luz!

— Olha que pechincha! — fez uma senhora Alvim, já velha e avarenta. O tal imperador não gastava dinheiro no azeite do lampeão.

— Sim, lá isso era bom, — concordou a Vabo beata. — Mas o outro, o tal homem de Beja que vê a gente como Adam e Eva no paraizo!... Credo! aquillo só por castigo de Nosso Senhor!

O padre Lopo mascou algum tempo a resposta, como quem não concordava inteiramente; contudo, murmurou em voz lenta e grave:

— Sim, aquillo só por castigo!

E abafou no enorme lenço vermelho, de ramagens, um espirro colossal.

(Continúa)

Ha muito tempo que não havia um golpe de Estado como o que ultimamente se deu, que nem as tempestades populares que se aegoiram ao celebre ultimatum inglez, nem a revolta militar de 31 de janeiro, tiveram artes de fazer sahir cá para fóra, mas que uma simples prohibição de um comicio fez apparecer no *Diario do Governo*, com todo o arreganho de quem põe ponto final na questão pela fórma mais terminante, de ficar tudo intupido.

Ao ponto a que as coisas chegaram, não havia effectivamente outra sahida a dar-lhe, tudo, porém, devia ter consetido em evitar aquelle estremo, que se nos afigura mais um erro politico d'este governo, que veio ainda aggravar a sua situação cada vez mais critica.

E senão, vejamos:

O comicio promovido pela Associação Commercial de Lisboa não passaria de uma grande reunião de commerciantes, que approvaria o que a commissão executiva das tres associações tivesse pensado e resolvido ácerca da representaçãõ contra a contribuição industrial, e que não passava de ser o mesmo que ella já tinha representado ao governo, sem que este lhe dêsse uma resposta satisfatoria.

O velho costume tradicional de se recorrer ao rei prevalecia ainda d'esta vez, apesar do rei reinar e não governar, e a commissão lá iria ao paço levar a sua representaçãõ ao Chefe do Estado, o qual, na fórma do costume, responderia com a gravidade e bondade que distinguem os nossos reis: que tomava na maior consideração as reclamações que lhe eram feitas pelo corpo do commercio, e que o seu governo attenderia a ellas dentro dos limites da lei, etc., etc., e com esta resposta ou outra semelhante, a commissão ficaria satisfeita, como parece ficou depois com a resposta que El-rei lhe deu á sua representaçãõ de 2 do corrente.

A prohibição do comicio, porém, irritou os animos porque foi attentatoria do direito de reunião, e com ella se offendeu as liberdades publicas, e dado este primeiro paço pelo governo, os que se seguiram eram inevitaveis, tanto mais estando-se em vespéras de eleições.

Eram inevitaveis, mas salvariam o governo?

É sobre a resposta que temos duvida.

O acto dictatorial do governo decretando a dissolução das associações Commercial de Lisboa, da dos Logistas e da Industrial Portugueza, e o adiamento das eleições, como consequencia da excitação dos animos, provocou artigos revolucionarios na imprensa opposicionista, artigos que a auctoridade teve de processar, e de todas estas complicações resultou um estado anormal da peor especie, porque implica a suspensão de garantias, estado de que resulta para o governo uma situação das mais tensas que ha muitos annos não se dava.

E não é facil prever o desfecho d'este estado de coisas, porque o caso não se resolve por uma simples mudança de governo, visto que o partido progressista com a sua proclamação chamando o povo á revolta, se affastou do poder, que estava quasi a cahir-lhe nas mãos, e não podendo ser chamado aos conselhos da coroa n'este momento o chefe de um partido, que acabou de indicar ao povo o caminho da revolução, quem ha de formar governo quando o actual não se poder sustentar?

E eis o que fria e imparcialmente vemos na actual situação, consequencia dos erros que tem vindo accumulando, como já o temos notado nas nossas ultimas revistas.

O governo agora esforça-se por acalmar a tempestade que levantou, ora conferenciando com as associações dissolvidas sobre o modo de se reconstituirem, ora procurando aplanar as difficuldades eleitoraes que se levantaram, mas difficilmente chegará a ponto de poder contar com o triumpho da urna, para por fim achar oportunidade para as eleições.

No entanto a nação está sob uma dictadura, sem saber porque.

João Verdades.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Modesto & C.ª, Imp. — R. Nova do Loureiro, 25 a 30 — Lisboa

¹ «... una mano de zorra, y decir al oido del niño los nombres de los tres Reyes Magos, ó escribirlos, y ponerlos por nomine...»

Dr. Francisco Nunes — *Trat. de morb. inf. hispan.* sciert. cap. 22.

² Relata este facto, com outros de igual calibre, frei Manuel de Azevedo, no seu *Tratado da Fascinação*.